

■ Porto Alegre 2002: o trabalho das multidões¹

O cenário parece bem dividido em dois: de um lado Nova Iorque, o Norte econômico, rico e guerreiro; do outro, o Sul cultural, dividido, pobre, que continuaria socialista no seu coração, instalado num dos únicos bastiões da esquerda (o Rio Grande do Sul) do maior país da América Latina, o único que tem também, com o Partido dos Trabalhadores (PT), uma chance séria de chegar às próximas eleições presidenciais federais brasileiras, com a figura de Lula. Tudo isso a poucos quilômetros da Argentina em insurreição antiliberal. E, discretamente, próximo de alguns Estados Europeus contra a hegemonia americana. As coisas então parecem claras. Um outro mundo é possível. No rastro do PT no Brasil, no rastro de Attac no mundo! Todos contra a hegemonia americana, de Cabul a Buenos Aires! Abaixo o neoliberalismo!

Apenas alguns europeus puderam ler no suplemento do *Le Monde* dos dias 27-28 de janeiro que Império era um dos principais livros de cabeceira dos contestadores. Agradável surpresa, se fosse assim e se conseguíssemos evitar que o novo Leviatã da produção global e da moda da logo não se sustente neste livro e não neutralize sua potência subversiva nas redes de comunicações e nas querelas acadêmicas. Mas será necessário muito trabalho e energia para que os temas que poderão nos livrar dos velhos hábitos do socialismo, da ideologia trabalhista, do antiimperialismo, do nacionalismo e do terceiromundismo sejam colocados no centro do debate. Talvez eles não cheguem nunca no "centro" porque não é aí que a multidão se exprime.

Não é o centro de Porto Alegre que foi o mais interessante para nós e para muitos outros. Não é a tribuna oficial ou as instituições que falam a linguagem dos movimentos de transformação. Estes se servem sempre alegremente ou cinicamente, de forma genial e sã, das guarnições criadas pelos "centros" e suas autosatisfações umbilicais. Nós estávamos em Porto Alegre, sem ter participado da

¹ Texto coletivo publicado na revista *Multitudes* nº 8. Paris, França, 2002.

organização da cúpula, sem ter um candidato presidencial para vender. Livres então. Formulemos pois um ponto de vista livre, o coração aquecido e a cabeça fria.

Como não saudar a potência desse ajuntamento, apenas seu nome se contrapondo a Davos, a diversidade prodigiosa dos temas abordados, as linguagens poéticas? O movimento dos movimentos não é contra a globalização, é por *uma outra globalização*, contra sua gestão neo-liberal.

E é aí que o negócio se complica: em Porto Alegre, sentia-se esse desejo múltiplo, coletivo, muito mais que os jogos de poder dos aparelhos, mas esse enorme apelo não produz sozinho uma "revolução molecular"; apenas racha em partes os blocos molares da ideologia, da cena político midiática. Por legítimo cuidado de evitar a apropriação da parte dos ministros convidados ou que se convidaram, a organização das sessões ficou saturada de procedimentos tediosos: discursos intermináveis, tomada da palavra do público por escrito e anônima. Pontos breves ou poucas idéias novas nos debates políticos sobre a atualidade mais quente, como a Argentina, quando estavam presentes militantes envolvidos nos *piqueteros* e nos *cacerolazos*.

Não esperemos muito do "centro"! Um outro mundo, na era da Internet, já funciona, na era da Internet e com outros meios que não a grande missa, o banquete republicano saudoso da investidura ou a mediação zelosa entre os movimentos sociais e os governos, longe das manifestações sem músicas. Como num congresso acadêmico ou político, o essencial das conexões novas se passam à margem das sessões oficiais.

Qual foi o resultado, efetivamente, da mensagem "autorizada" para aqueles que não estavam em Porto Alegre. *Attac* francesa foi confirmada no seu papel de animadora ideológica essencial, enquanto o Partido dos Trabalhadores brasileiro ficava no papel de uma vitrine de um socialismo *soft* ou de uma revolução *light*. Estavam ausentes os vilões históricos (Fidel Castro, Hugo Chaves, Arafat), mas estavam presentes, em compensação, canalhas bem conhecidos e atuais (Chevènement², Folena³, alguns ministros, etc...). Por outro

² Chevènement foi Ministro do Interior no Governo Jospin e responsável pela traição do movimento dos migrantes ilegais (se opondo a regularização) além da própria derrota de Jospin nas eleições presidenciais de 2002.

³ Folena foi membro do antigo governo de centro-esquerda italiano que votou pela participação italiana na Guerra de Kosovo.

lado, o "centro" não pôde perceber que rondavam o Fórum espíritos invisíveis que teceram fortes amizades nos corredores, nas ruas, nas tendas do acampamento da Juventude ou nos restaurantes: o sub-comandante Marcos com o humor, a derisão e a capacidade de orquestrar o papel de vilão na "comunicação global", a componente do Norte da Europa com suas ONGs capazes de manter à distância as potentes sociais-democracias, uma plêiade de centros sociais italianos (presentes, mas fora das comissões oficiais na maioria das vezes), os movimentos das minorias, negros, ameríndios, os contestadores internos do mastodonte chinês. Encontramos também o espectro dos movimentos sociais africanos que se manifestaram no Congresso Mundial contra o Racismo 2001, em Durban, rejeitando cada vez mais o nacionalismo dos partidos no poder, assim como os discursos de "liberação nacional"!

Havia também, entre os invisíveis, Celso Daniel, com quem trabalharam alguns de nós, prefeito de Santo André, assassinado alguns dias antes da cúpula. Celso Daniel, animador chave da comunidade urbana do Grande ABC paulista, o pólo industrial mais importante da América Latina, conselheiro de Lula. Seu assassinato (encomendado ou banal desaparecimento inescrupuloso? (Ninguém sabe ainda) não podia ser melhor para os adversários de Lula à presidência do Brasil. Sabe-se que o presidente Bush expressou as preocupações americanas sobre isso.

O centro não aproveitou o espírito de Gênova e de Seattle. Os espelhos que o rodearam formaram uma barreira que o distanciou de uma quantidade de belas coisas que se estenderam na periferia. Exatamente como se faz no Brasil, onde as periferias não existem para os que estão no centro da cidade ou no coração de um partido, senão quando se fala delas. Mas as periferias, os negros das favelas não participam da discussão que os concerne. Não estão no centro e quando estão é para destruí-lo. Resultado: falou-se muito, nas ondas emitidas do centro que retransmitiam o Fórum, do socialismo, da via nacional do desenvolvimento, da resistência "soberana" dos Estados Nacionais, até a globalização. Os grandes ídolos do passado foram saudados com zelo. Ouviu-se muita peroração diante das câmeras de parlamentares, ministros e presidenciáveis franceses, belgas, italianos que se apresentavam para serem adubados pelo movimento social.

Que uma grande parte do foco audiovisual tenha sido ocupado pela cozinha institucional e por uma sopa requentada de ideologias do século passado, foi uma experiência tão ruim quanto o fato das multinacionais francesas privadas e públicas (Peugeot, Michelin, Carrefour, Orange, France Télécom, EDF), muito presentes no Brasil e na Argentina não serem exatamente modelos de políticas sociais, de meio-ambiente e de democracia no hemisfério sul.

Que o discurso emocionante da mãe de Carlo Giuliani na abertura do Fórum dos jovens, assim como o anúncio de Agnoletto⁴ dos resultados da pesquisa dos magistrados de Gênova, revelando que a polícia tinha atirado 18 balas sobre os manifestantes, não foram traduzidas em inglês nem relatadas na CNN pelas agências de notícias, enquanto as palavras insípidas de boas-vindas das autoridades (que representam um território em que a polícia atira e mata cotidianamente) o eram escrupulosamente, mostra que a comunicação é a primeira frente de batalha. O ministro da propaganda do próximo Fórum deveria ser deslocado de Chiapas! Aquele da agitação, onde o movimento dos movimentos evolui. Outra questão, a da violência constitutiva dos funcionamentos atuais dos Estados Nacionais do Cone Sul, sobre o que se falou muito pouco. No Brasil, por exemplo, a criminalidade faz 22 mil vítimas por ano entre homens jovens. Reina uma guerra civil embrionária. O estado de São Paulo teve no ano passado uma revolta coordenada de todas as prisões, com a mobilização de mais de 50 mil pessoas, entre prisioneiros e familiares de presos.

O governo federal e as grandes mídias enfrentam esse problema como se fosse uma cruzada pela segurança (na qual se mobiliza cinicamente também o assassinato de Celso Daniel), sem que jamais as questões da desigualdade social (a maior do mundo) e raciais (a população mais pobre é evidentemente de pele negra) sejam evocadas e, sobretudo, sem que as responsabilidades históricas do Estado brasileiro sejam apontadas, como também a presença de antigos torturadores do regime militar em cargos chaves do governo federal e da polícia.

As modalidades do desenvolvimento nacional no Sul (no Brasil, México, África do Sul, mas também em Israel), bem antes da globalização neoliberal, também implicam nisso. Eis os problemas que não foram resolvidos nem pelas

⁴ Agnoletto é Porta Voz do *Genoa Social Forum*.

esquerdas burguesas, nem pelo socialismo operário branco e de origem européia. Invocar o "povo unido jamais será vencido" para isso não serve a grande coisa. Todos nós amamos entoar esse slogan, mas se não lhe acrescentamos nada além disso, como os argentinos que cantam juntos "Que se vayan todos" corre-se o risco de criar mal-entendidos. Acrescentar à confusão mental do neoliberalismo o corporativismo republicano nacionalista, com uma casca de antiamericanismo que permite acreditar os Europeus, *nein denken*, non merci! Já sabemos e vimos no que isso deu.

Eis porque nós e aqueles que encontramos nos corredores do Fórum em grande número não queriam mais invocar como pensamento pronto (*prêt à penser*) o "povo", as "nacionalizações", um "Estado forte", "a unidade de todas as raças", a "defesa incondicional do setor público", os "direitos do homem". A essas velharias populares e populistas, contrapomos o conceito de multidão, mesmo se não estamos todos de acordo com o seu papel político. Ele parte da composição real (econômica, ideológica, organizacional, cultural, política) que deve afrontar toda perspectiva de transformação social. O Império é a forma de poder que corresponde a essa transformação. Se a forma do Estado Nação está em crise, se o socialismo real dos países do Leste conheceu um enterro de primeira classe, não é por causa do neoliberalismo. É principalmente pelos golpes da multidão, pelos movimentos moleculares, que a gestão nacionalista se acha cada vez mais impotente.

O Império é o inimigo das multidões, mas não é por isso que os velhos Estados-Nação sejam nossos amigos. Desse ponto de vista resta ainda muita ambiguidade no centro do Fórum Social Mundial: muita retórica populista e nacionalista, pouca música global e múltipla que, nas periferias, ecoam por todo lugar. Resta o debate de idéias no tablado.

Viva então o debate de idéias, se ele não escamoteia as dificuldades. Uma resistência criativa e ofensiva tem esse preço. As forças vivas que formam a substância de *Attac*, do PT, de milhares de ONGs que acumularam um capital de inteligência em dissidência, e mesmo em secessão, só querem política a esse preço. Nós cruzamos com elas, não no centro mas em todos os outros lugares. Pudemos sentir o formidável desafio que elas colocam para os que professam refletir de forma metódica, radical e viva. Se organizarmos um esforço coletivo

de pensamento, a grande viagem, "o próximo ano em Porto Alegre", e outros ainda, não será uma peregrinação diante de lembranças mumificadas da revolução no passado.

Já há neste ano avanços que mostram que nossos esforços não são inúteis, nem isolados. Cada um de nós pode fazer a experiência numa oficina, numa comissão, até mesmo numa sessão plenária. Por exemplo, a iniciativa da ONG Oxfam (<http://www.oxfaminternational.org>) e a de Jean-Pierre Berlan (INRA France) e a discussão sobre o não-patenteamento do ser vivo e dos programas no coração da renegociação do TRIPS (adendo sobre a propriedade intelectual que o Norte quer rever nas próximas negociações da OMC) reuniu Richard Stallman (FSF, USA), William Campos (agricultor da América Central), Alexandre Buskarin (Universidade de Moscou) para discutir sobre o direito comum de acesso ao saber e a produção da vida fora do sistema das patentes proprietárias. Essa iniciativa está ligada à proposição de um tratado para a partilha do Patrimônio Genético Comum (moção inicial redigida pela Fundação de Jeremy Rifkin contra as OGM)⁵. Belo exemplo do poder constituinte operando.

Temos confiança na capacidade do movimento dos movimentos por uma outra razão. Durante o 2º Fórum Social de Porto Alegre, foi o acampamento da Juventude que constituiu uma outra cena bem diferente daquela que se desenrolava nos espaços da Universidade Católica. Quinze mil jovens vieram de todos os lugares do Brasil, mas também de outros países da América Latina. Ouvimos muito pouco as vozes que vinham desse Fórum dos jovens, notadamente os ecos do projeto Intergalaktika, do Laboratório de Resistência Global. Apesar das duas mortes ligadas a assaltos, o caráter massivo e, em parte improvisado desse acampamento da Juventude, impediu que fosse reduzido a um Fórum dos "pequenos" ou do micro partidos.

Se nosso objetivo é liberar o centro, quebrar espelhos (sem se ferir) afim de que todos possam ter um pedaço para refletir a luz dos outros e não apenas para se olhar, talvez seja necessário primeiramente colocar essas duas questões no centro. E pensar antes pelos corredores que nas salas de cerimônia.

⁵ O projeto do tratado recebeu o apoio de 250 organizações em 50 países. Correspondência para treaty@foet.org.

Acontece às vezes que a periferia se ache em pleno "centro". São os melhores momentos, aqueles em que o espaço se faz energia. E nossos amigos que estavam invisíveis para o Fórum foram por instantes percebidos por todos. A contestação do Fórum Parlamentar animada pela bem numerosa delegação italiana (750 delegados registrados) juntou-se com os argentinos, paradoxalmente menos numerosos (tendo em vista sem dúvida a proximidade geográfica), mas portadores eles também de uma dinâmica realmente constituinte. Preso entre esses dois pólos constitutivos que emergiam, Gênova e Buenos Aires, o "centro" do Fórum de Porto Alegre se revelou em toda sua ambiguidade: mostrou-se sob os avatares periféricos de um socialismo desenvolvimentista excessivamente institucional e saudosista para comprometer a potência da globalização, mas permitiu aglutinar um movimento dos movimentos que tira sua força de sua própria globalização.

O que, sem dúvida, mais terá marcado o Fórum na alma é a compreensão de que, com o drama argentino, aparece uma radicalidade de forma mais profunda. A dinâmica em curso nesse país não foi suficientemente medida nos debates oficiais, que se contentaram em endereçar a constatação de fracasso às políticas do FMI. De fato, os acontecimentos da Argentina têm doravante desqualificado todo retorno as antigas mediações corporativas ou estatais. O refrão que entoou a multidão em todas as manifestações massivas (*Que se vayan todos!*) não poderia melhor se apropriar do espaço de representação do poder para crescer. Nas ruas, nas praças argentinas, a multidão não se contenta em apontar o dedo para as políticas econômicas do FMI e do Banco Mundial, ela visa também o estatal e as redes corporativas em plena falência. É uma peça num cenário inteiramente novo. Depois da longa hegemonia da ordem corporativa (o fascismo trabalhista e sindical do peronismo), depois da ordem estatal da ditadura militar, depois da ordem do mercado e de sua tecnocracia, é o trabalho da multidão que aparece como o único princípio constituinte. Longe de constituir um problema, a fragmentação da classe operária e de suas representações sindicais representa a condição de afirmação de uma multiplicidade social ainda mais capaz de atualizar a crise do Estado (aí compreendida suas Forças Armadas) quanto pode transformar o fracasso da democracia dos técnicos financeiros em um processo sem precedente de democracia radical.

Elementos do poder local, em particular a emissão pelas províncias de moedas alternativas ao peso e ao dólar, acham nas mobilizações de rua, nas assembléias de bairros (*asambleas de vecinos*) e nas coordenações intrabairros (*interbarriales*) os espaços públicos de um trabalho comum. É esse novo espaço comum que se manifesta quando os "motoboy" oferecem às manifestações insurrecionais ajuda no conhecimento que têm do território urbano. Essa racionalidade imanente, imediata, é a única capaz de desfazer o nó Górdio das equações da dívida e das taxas de juros.

Naturalmente, não há nenhum determinismo em tudo isso. Um enésimo golpe de força pode a qualquer instante reafirmar a ordem estabelecida. Dia após dia devemos nos direcionar para o "centro", devemos atravessá-lo como fazem os manifestantes argentinos que batem as *cassarolas* ou que formam piquetes quando marcham das periferias para o ponto de concentração. O trabalho da multidão, nosso trabalho, ou melhor nossa atividade, é operar a junção das periferias para que elas consigam explodir o "centro", é por isso que não podemos aceitar que todas as boas vontades empregadas para construir esse gigantesco espaço caótico e reticular pelo movimento dos movimentos fiquem fechadas dentro dele.

Na Argentina, os moradores dos bairros abastados do centro de Buenos Aires aprenderam com os *piqueteros* como bloquear as ruas. E os *piqueteros* entenderam a importância de se pensar pelo menos como vizinhos. Bloquearam a rede urbana, transformaram sua fisionomia de espaço comercial em vetor de autogovernabilidade. O trabalho da multidão, melhor, sua atividade, consiste em reinvestir os espaços e as redes, reapropriá-los, desdobrá-los, para melhor refletir sobre os meios concretos de subverter a injustiça e a miséria. Seria melhor, aliás, que o "centro" não soubesse de nada disso. Poderia ficar com medo. Só iremos dizê-lo no último momento.

Franco Barchiesi, Franco Berardi (Bifo), Gianfranco Bettin, Giuseppe Caccia, Luca Casarini, Giuseppe Cocco, Michael Hardt, Maurizio Lazzarato, Yann Moulier Boutang, Peter Pal Pelbart, Suely Rolnik, Tatiana Roque, Denise Sant'Anna, Gerardo Silva (Bolonha, Joanesburgo, Mestre, Nova Iorque, Pádua, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo, Veneza).

Tradução **Ivana Bentes**

Franco Barchiesi ensina sociologia na Universidade de Johannesburg na África do Sul.

Franco Berardi (Bifo) é diretor de Collection em Luca Sassella (Roma), vive na Bolonha, na Itália.

Gianfranco Bettin, do Partido Verde italiano é primeiro adjunto na prefeitura de Mestre, na Itália

Giuseppe Caccia do Partido Verde italiano é adjunto para as questões sociais da Prefeitura de Veneza.

Luca Casarini é um dos líderes dos Centros Sociais do Nordeste italiano.

Giuseppe Cocco é professor da ESS/UFRJ e coordena o Labtec na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Michael Hardt ensina na Universidade de Duke (Carolina do Norte), nos EUA. É co-autor de *Império* com Antonio Negri.

Yann Moulier Boutang é professor e pesquisador em economia (Universidade da Bretanha e IIEP de Paris). Edita a revista *Multitudes*.

Peter Pal Pelbart, filósofo, professor da Universidade de São Paulo, Brasil.

Suely Rolnik, psicanalista, professora da Universidade de São Paulo, Brasil.

Tatiana Roque professora de matemática na Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do Colégio Internacional de Filosofia.

Denise Sant'Anna professora de história na Universidade de São Paulo, Brasil e na MSH de Paris.

Gerardo Silva, argentino é pesquisador do Labtec da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.